

DIÁLOGOS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA: DE MONTESSORI A PAULO FEIRE

Aline dos Santos Rossi

Graduanda de Pedagogia da UFMT

RESUMO: Este artigo visa analisar as propostas pedagógicas de Maria Montessori e Paulo Freire enquanto práticas libertadoras do ser humano, traçando diálogos possíveis entre as suas obras e aplicações práticas, mostrando as semelhanças de ambas na proposição da transformação social para, assim, também refletir e questionar a rotulação do método montessoriano como pedagogia conservadora enquanto pertencente à Pedagogia Nova. Foi feita uma pesquisa bibliográfica usando os seguintes livros: *A Criança, Educação e Paz* e *Pedagogia Científica: a descoberta da criança*, de Maria Montessori, e os livros *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Esperança*, *Educação como Prática da Liberdade*, *Professora sim, tia não* e *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, além do livro *História das Ideias Pedagógicas*, de Moacir Gadotti.

Palavras-chave: Paulo Freire. Maria Montessori. Educação libertadora.

1. Introdução

Contra as lacunas e o autoritarismo da pedagogia tradicional, surge a pedagogia nova. E, nela, destaca-se uma forte personagem feminina: Maria Montessori. Primeira médica formada na Itália, Montessori contribuiu para uma nova caracterização da educação: trazia à luz a pedagogia científica. Aprofundou-se numa abordagem diferente, *a priori* com as crianças tidas como “anormais”, que não eram recebidas pelas escolas, apenas colocadas junto a outras tantas e diversas pessoas com toda sorte de deficiência.

Sob anos de observações e estudos, muito influenciada por Itard e sua educação dos sentidos, Montessori desenvolveu um método que, descobriria, seria de grande sucesso não só com as crianças especiais, mas com todas as outras. Tendo como pilares a autoeducação, a educação cósmica e a educação científica, Montessori propõe uma educação libertadora à Criança Nova, esta que, por sua vez, seria um arauto do Novo Homem e seu Novo Mundo. Construiria um mundo melhor através dessa educação voltada para a paz e a independência. Montessori desenvolve, então, este método voltado à criança, em que ela, e não o professor, é a protagonista do aprendizado.

Apesar da proposta libertadora e, aparentemente, revolucionária, essa pedagogia nova também foi duramente criticada pelos teóricos críticos, pois, supostamente, propunha apenas a equalização social e não a criticidade. Ou seja, apesar de falar de uma suposta libertação, agia dentro da limitada esfera da sociedade liberal. Segundo as críticas, a Pedagogia Nova propunha a transformação dos sujeitos, mas não a transformação da sociedade vigente. Na teoria, a pedagogia nova é inclusiva à medida em que propõe respeitar cada indivíduo e seu tempo (ao invés da homogeneização dos saberes da pedagogia tradicional) e, assim, não dar espaço à marginalidade dentro da educação; porém, na prática isso não procedia, uma vez que esses métodos acabaram por se concretizarem apenas em escolas e institutos privados de alto custo, extremamente elitizados, gerando, conseqüentemente, a marginalidade que tanto criticara na pedagogia tradicional.

É nesta teoria crítica que surge Paulo Freire, pedagogo brasileiro que também propõe uma educação libertadora, mas referindo-se às questões sociais, políticas e econômicas. Tal qual Montessori, o brasileiro traz um novo modelo de ensino-aprendizagem em que o professor não é “superior” no ambiente de estudos e a educação é dialética. Paulo Freire questionará a marginalidade, são eles [os marginalizados] os “oprimidos” do sistema (político e econômico). É com eles e para eles que o pedagogo idealiza sua obra, chamando sempre a atenção para um aspecto importante que a educação deve incorporar: a criticidade. É dever da educação politizar e criticizar as pessoas para que sejam capazes de promover a transformação social que necessitam.

Neste trabalho, será feita uma abordagem dos métodos de Paulo Freire e Maria Montessori mutuamente, visando propor um novo olhar sobre esta vertente da pedagogia nova no que tange à (des) qualidade de conservadora, pretende-se mostrar outrossim que dialoga e trilha, inclusive, o mesmo caminho da pedagogia crítica de Paulo Freire rumo ao objetivo comum da transformação social.

2. Educação, liberdade e autonomia

Para falar de educação é preciso compreendê-la. Compreenda-se, então, desde a sua raiz etimológica: educação (*educatio, ónis*) vem de duas raízes latinas, respectivamente *educere* (conduzir para fora de, fazer sair), que vem de *dux, ducis* (guia, chefe), e *educare* (criar — homens ou animais —, alimentar, formar, instruir). Portanto, na sua origem linguística é possível perceber uma tensão de sentidos: educação consistiria em

sair de dentro da criança o que ela possui virtualmente, e/ou sair do seu estado primitivo através da relação com o mundo. (TODARO, p. 102, 2013).

Dois ilustres pensadores parecem ter compreendido de forma muito próxima este conceito, a italiana Maria Montessori e o brasileiro Paulo Freire. Embora tenham olhares e focos diferentes, seus métodos estão em perfeita sintonia quando refletem a educação como/para libertação do ser humano. Ambos trazem a liberdade e a autonomia no centro de seu pensar.

Subvertendo a prática de ensino-aprendizagem que trazia o professor como detentor de todo o conhecimento e o aluno como depósito de informações, Freire e Montessori propõem algo completamente diferente: uma relação dialética na qual os saberes são construídos mutuamente ao invés de partirem de apenas um ponto para o outro. O conhecimento é um fluxo contínuo entre professor e aluno, mas o protagonismo no aprendizado é do aluno e não do professor.

Um dos pilares da pedagogia montessoriana é a autoeducação: a criança é livre para escolher as suas atividades conforme suas necessidades (de desenvolvimento) e, assim, educar-se a si mesma na prática das atividades. O que não quer dizer que seja um processo anárquico e desordenado, já que o educador continuará presente, mas será ele o ser passivo frente à atividade desenvolvida de seu aluno.

Parte da ideia de que existe um impulso inato, uma energia vital dentro de cada um que precisa ser saciada, capacidades que predisõem à autoconstrução: buscar, descobrir, pesquisar, aprender, desenvolver-se. Mas, para isso, precisa de condições favoráveis e aqui entra o educador, o cuidador, a família, a escola: os responsáveis pelo desenvolvimento sadio da criança precisam dar a ela condições para que se desenvolva livremente e, assim, se autodiscipline e eduque a si mesma. Muito próximo desse conceito é o pensamento de Paulo Freire em “Pedagogia da Esperança” ao dizer que “(...) o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos ou dos conteúdos” (p. 20, 1997).

É nesta liberdade de ser, fazer e escolher que consiste a *libertação* da criança pela educação à luz do método Montessori. Esta fazia frente à escola tradicional pela sua intransigência, rigidez e artificialidade. Os lugares fixos, a hierarquia, a padronização, este caráter, de certa forma, militarista criado no ambiente de sala de aula em que silêncio e

imobilidade eram sinônimos de bom comportamento. Neste ambiente, o aluno não está em condições favoráveis ao seu desenvolvimento nem à criação. Conforme Paulo Freire:

Toda vez que se suprime a liberdade, fica ele [o ser humano] um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora. (2006, p. 50).

Ainda que a pedagogia freireana traga o olhar voltado para um público mais velho que aquele tratado por Montessori, que fala expressamente das crianças, ambos criticam a *passividade* do aluno na pedagogia tradicional. O aluno inerte, apático e desinteressado, aquele que deixou de ser sujeito de sua educação para ser objeto dela. Este é o aluno da educação rígida e impositiva, incapaz de ser libertadora pelas suas características intransitivas.

Montessori iniciou seus estudos com crianças especiais. As crianças consideradas *idiotas* (de *idiotia*) só contavam com a medicação, trancafiadas em hospitais psiquiátricos juntas de todas as outras pessoas com os mais diversos problemas mentais e respectivos graus de comprometimento. A médica italiana foi revolucionária ao subverter esse processo e dizer que o que elas precisavam era mais do que uma abordagem médica, mas uma abordagem pedagógica. Precisavam de estímulos, não só remédios. Influenciada, então, pelos estudos de Itard – pioneiro na educação dos sentidos –, Montessori aperfeiçoou sua técnica, observando e desenvolvendo o método da educação sensorial.

De fato, o resultado foi surpreendente. Em dois anos, aquelas crianças consideradas atrasadas foram capazes de competir nos exames com crianças *normais* e obtiveram resultados iguais ou melhores. Montessori percebeu, então, que o método não cabia apenas às crianças especiais: a estas, ajudaria a melhorar, às outras, tidas por normais, ajudaria a serem ainda melhores. Assim, retirou-se da clínica psiquiátrica da Universidade de Roma, onde iniciara sua atuação com as crianças, para aprofundar seus estudos. Desenvolveu os materiais próprios e seu método tomava corpo para a educação da autonomia e da liberdade, baseado na observação da criança, traçando um perfil global das suas necessidades e de períodos sensíveis do desenvolvimento que, sendo do conhecimento do adulto, poderiam ser auxiliados para potencializar ao máximo a educação e progressão da criança.

Note-se também que Paulo Freire e Maria Montessori têm em comum um ponto interessante de suas trajetórias: ambos viveram períodos de intensas repressões.

Nenhum deles pertencia às classes desfavorecidas, mas nem por isso eram alheios à violência de seu tempo. Montessori viveu uma época marcada por guerras e viajava o mundo falando de paz, da necessidade da paz. Foi até mesmo indicada para o Nobel da paz três vezes. Paulo Freire, por sua vez, viveu a época da Ditadura Militar no Brasil. Não só foi aprisionado por algum tempo, como também foi exilado pelo Estado. Viajou, então, para o Chile, onde pouco depois encontrou outra ditadura, obrigando-o a fugir novamente, dessa vez para o Uruguai.

Portanto, é expectável e louvável que falem de uma pedagogia de libertação, paz e transformação social em tempos como aqueles que viveram – já que as pessoas não só constroem, mas também são construídas pela sua realidade. Como Paulo Freire falava da transformação da sociedade, Montessori falava de um Novo Homem para um Novo Mundo. Como ela falava de uma educação para a conscientização e responsabilidade, ele falava da educação para a criticidade, que tornaria possível a intervenção ativa das pessoas no mundo ao seu redor.

3. Quem são os educadores e quais os seus papéis

Analisar o papel do educador e da educadora em ambos os métodos é muito elucidativo para compreender melhor as dimensões de sua intencionalidade, uma vez que são eles os guias da libertação, mas não os donos dela. Entretanto, seria errôneo dar um lugar de destaque tão evidente ao educador, já que tanto para a italiana quanto para o brasileiro é bastante explícito: “não há docência sem discência” (FREIRE, p.12, 2002), o protagonista é o aluno.

Em Montessori, não é o educador que ensina o aluno. É na observação da criança que o educador aprenderá a se relacionar e descobrirá a psicologia da criança. Em sua “Pedagogia Científica”, Montessori fala do cientista de zoologia que deixa seu conforto à noite para observar as primeiras manifestações da vida diurna de determinada família de insetos e não se sente cansado ou sonolento por fazê-lo, pelo contrário: sente-se desperto e interessado. Esse é o lado cientista que se procura num educador montessoriano, que observa com vivaz interesse o seu objeto de estudo, que é o ser humano, especificamente a criança. Fala também de uma “alma ardentemente mística, que observa a criança em todas as suas manifestações, buscando descobrir um misto de amor e respeito, com sagrada curiosidade, aspirando às supremas alturas do Céu – a via da sua própria

perfeição” (p. 15, 1987). Para Montessori, o professor deve ter “o espírito de áspero sacrifício do cientista e o inefável êxtase de uma alma mística” (idem).

Muito semelhante, Paulo Freire discorre em toda sua obra sobre a importância do preparo do professor, do conhecimento do mesmo, mas também da necessidade das suas características mais emocionais (como as místicas de Montessori) do que lógicas. Conforme o autor:

(...) a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. (...) É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. (FREIRE, p. 8, 1997).

O professor e a professora de Paulo Freire também não são transferidores do saber, eles possibilitam a sua construção a partir da intercomunicação, da inquietação, do questionamento e da reflexão. Como o professor e a professora de Montessori, que na prática da observação da criança aprendem a ensiná-la, o educador de Freire se “(...)forma, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (p. 58, 1991).

Na aplicação dos métodos, é possível ver essa relação dialógica e como realmente não há uma “superioridade” concernente ao professor como na educação tradicional. A seguir, um trecho do texto “Montessori, Freire e o Papel Social da Pedagogia Científica”:

Sabemos, por Montessori, que o objetivo dos materiais não é o aprendizado objetivo, mas a organização e o desenvolvimento da mente. Assim, aquilo que é realmente importante a criança faz sozinha. Nós podemos lhe dizer os nomes das cores, mas quem se educa para distingui-las e enxergá-las, quem desenvolve a visão e a distinção, é a criança, sozinha. E o fazendo, nos ensina as imensas potencialidades do humano, aprendendo, em troca, o vermelho, o azul e a tranquilidade de poder desenvolver seu trabalho em paz. (SALOMÃO, 2013).

Também em Paulo Freire essa ideia se apresenta. Quando relata a execução prática da alfabetização, mostra explicitamente que, embora o coordenador-educador tenha selecionado a palavra geradora e apresentado suas sílabas e as famílias fonêmicas, é o aluno que identifica, reflete e organiza seu pensamento, consolidando posteriormente esse aprendizado na produção de outras palavras a partir da mistura de outras sílabas das famílias fonêmicas da palavra geradora (p. 123-127, 2006). A aquisição da leitura que, segundo Freire, não se basta na vocalização mecânica dos símbolos gráficos, mas na interpretação dos símbolos, sua significação e sua relação com a realidade do leitor é outro

grande exemplo de que mesmo para ele a finalidade não é apenas o aprendizado do objetivo e sim, novamente, a organização e o desenvolvimento da mente.

Essa subversão no papel dos educadores e educadoras – de não serem eles maiores, superiores na relação hierárquica tradicional e antidialógica – é um diferencial epistêmico na pedagogia de Freire e Montessori e por isso mesmo, por subverter os padrões consagrados pelo tempo, é que aparece como um dos maiores desafios na aplicação das teorias. A médica traz em seus livros que a ideia de um ambiente adaptado para as crianças, respeitando suas perspectivas, foi muito bem recebida entre todos e até adotada rapidamente, inclusive por escolas que não empregavam o método. Mas a ideia de dar ao aluno poder e liberdade em oposição ao professor que não será mais a figura principal e focalizada do processo de aprendizagem é relatada como algo assustador e/ou utópico. Montessori dizia encontrar resistência e dificuldade nas mestras formadas no estilo tradicional e que queriam aplicar-se nas escolas de seu método. Paulo Freire parecia encontrar o mesmo problema:

A grande dificuldade que se nos põe e que exige um alto senso de responsabilidade é preparar o quadro de coordenadores. Não porque haja dificuldades no aprendizado puramente técnico de seu procedimento. A dificuldade está na criação mesma de uma nova atitude – e ao mesmo tempo tão velha – a do diálogo, que, no entanto, nos faltou no tipo de educação que tivemos (...). Atitude dialogal à qual os coordenadores devem converter-se para que façam realmente educação e não “domesticação”. Exatamente porque, sendo o diálogo uma relação *eu-tu*, é necessariamente uma relação de dois sujeitos. Toda vez que se converta o “tu” desta relação em mero objeto, se terá pervertido o diálogo e já não se estará educando, mas deformando. (p.123, 2006).

Portanto, uma das dificuldades que precisam ser superadas para uma educação efetivamente libertadora é não menos que a humildade do educador e da educadora em colocar-se não acima ou abaixo do aluno, mas ao lado e *com* ele. Descer deste pedestal formalizado pelas convenções tradicionais e agir conjuntamente com o educando, que precisa ser reconhecido também (e, talvez, principalmente) como ensinante.

4. Alienação e opressão

A ideia errônea segundo a qual o adulto deve fazer a criança entrar no molde desejado pela sociedade continua a reinar. Esse desprezo grosseiro, consagrado pelo tempo, é a fonte do conflito fundamental e da guerra entre os seres humanos que, com toda justiça, deveriam se amar e querer bem uns aos outros, em particular quando se trata de pais e filhos ou de professores e alunos. (MONTESORRI, 2004).

Falar numa figura e papel diferentes do professor tradicional é criticá-lo e criticar a educação como fatores alienantes. Montessori descreve a alienação da criança como a substituição da personalidade ou a “*sugestão*” dos estudos de Piaget para curar os casos de histeria: sugestionando, nem sempre de forma ingênua, o adulto se insere no espírito e na mente da criança, substituindo as suas vontades e o seu pensar por aquilo que é, na verdade, a vontade e o pensar do adulto. Isso também pode ser contextualizado nas salas de aula em que o professor é o transferidor do conhecimento.

O professor não possibilitará ao aluno criar suas hipóteses, suas ideias e seu próprio raciocínio, mas imputará nele o pré-estabelecido, o padrão, aquilo que é concebido como verdade para o modelo dominante e também aquilo que é a sua própria verdade. Através disso, ele substituirá o espírito e o pensamento criador da criança pelo programa que deve ser dado em sala de aula, conforme estipulado por figuras terceiras.

Paulo Freire vem dizer que essa é a educação massificadora, verbosa e palavresca que impele as pessoas a uma posição quietista, vivendo da teoria com “a enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida” (p. 101, 2006).

A educação não pode ser separada da política, posto que também seja um ato político. Paulo Freire salienta, diversas vezes, que é preciso uma educação que tornasse as pessoas críticas e, assim, pudessem enfrentar as problemáticas da sua realidade. A libertação na educação de Paulo Freire não é menos que a criticização e conscientização do homem para que, assim, possa lutar contra as opressões que o diminuem.

A libertação para construir um mundo novo é o cerne de Paulo Freire e de Maria Montessori. Esta seguia essa linha aplicada à criança, que era o arauto desse mundo a construir, era a esperança de um futuro melhor. Paulo Freire, entretanto, tendo trabalhado principalmente com alfabetização de adultos, ou seja, pessoas que não receberam educação formal, faz o mesmo que a médica italiana: o adulto desprovido da educação formal é visto com a mesma esperança que a criança de Montessori, ambos arautos, ambos sujeitos de um novo amanhã, mas cada qual com uma abordagem conforme seu estágio de desenvolvimento físico e mental e seu papel na sociedade. Por isso não cabe ensinar política às crianças, que não participam desse meio, mas cabe a conscientização e responsabilidade citadas por Montessori. Porém não só cabe como urge ensiná-la ao adulto, que participa dessa esfera social que é feita *para e por* ele.

É mais fácil falar de politização dentro da pedagogia de Paulo Freire, uma vez que está mais voltada para adultos que participam ativamente na sociedade. Seus estudos, bastante influenciados pelo marxismo, são indissociáveis do contexto socioeconômico. A educação não acontece num paralelo, ela está inserida no mundo e é um objeto de transformação social: através da educação, muda-se o mundo. E, embora à primeira vista pareça impossível falar de política numa pedagogia voltada às crianças, também em Montessori ela está presente. O método Montessori é a libertação das opressões da infância.

Os prêmios e punições, na concepção da italiana, são opressões impostas às crianças, usados para habituá-la submeter-se. O prêmio concedido ao fim de um trabalho deforma o espírito, pois alimenta a inveja e a vaidade. Eles eliminam a significação do trabalho realizado pela criança, que o fez pelo gosto e impulso/necessidade de desenvolver-se e não para adquirir um benefício material em troca. Quanto à punição, esta é uma condição humilhante que se põe à criança. Castigar é exercer a tirania sobre ela, pois o castigo não assenta na sua “energia vital” e por isso não pode auxiliar seu desenvolvimento, portanto não tem utilidade prática. Não é possível, pois, ensiná-la alguma coisa sem permitir que ela esteja livre e aplicando seu potencial criador e de desenvolvimento. Premiar e punir são, logo, antipedagógicos e contrariam o objetivo da educação. "A verdadeira punição do homem normal é a perda da consciência da sua própria força e da grandeza, que lhe constituem a humanidade interior" (p. 24, 1965).

As carteiras e a cadeira do professor, regras da escola tradicional, são símbolos tangíveis de uma educação impositiva e representam uma constrição física à liberdade da criança. São, assim, uma representação de opressão no ambiente escolar. Foram, por isso mesmo, duramente criticadas e logo suprimidas no método montessoriano.

As opressões de que trata Paulo Freire são advindas do contexto social, político e econômico, porque são as esferas do adulto. São esses os espaços onde ele se insere cotidianamente e pelo qual deve lutar, pelo que deve se instruir, se politizar, criticizar. A criança não faz parte dessas esferas, mas é atingida direta e indiretamente por ela. Suas opressões são outras, são físicas e psicológicas, mas de outras instâncias. Sejam do desenvolvimento da vontade, do agir, do mover, mas existem e são constantes no contexto em que o adulto compreende que é, para ela, como um deus: onipotente, deve guiá-la, ensiná-la, orientá-la, instruí-la, corrigi-la e tudo isso parte dele, não dela (a mesma relação hierárquica e de poder que existe entre o professor e o aluno da escola tradicional). Não

por menos, Montessori fala da *preparação do adulto* para lidar com a criança. Afinal, de onde viriam as opressões da infância senão dos adultos, que constroem e dominam seu universo? Portanto, o adulto precisa se preparar para saber ajudar este novo arauto, não agir sobre ela com tirania e autoritarismo, mas com compreensão e respeito, aprendendo com a criança o que é necessário para que ela se desenvolva para ser esse homem novo que Montessori deseja e o cidadão-adulto politizado e crítico que Paulo Freire aspira.

Percebe-se, assim, que os conceitos de alienação e politização estão presentes nas duas pedagogias, apresentando-se de formas distintas para distintos personagens – o que acaba por torna-los, a seu modo, métodos de certa forma militantes.

5. Burguesia, capitalismo e a transformação proposta nos métodos

Paulo Freire é bastante explícito no que diz respeito à política. Seus livros falam aberta e claramente da opressão, da sociedade de classes e da necessidade de transformação social. Sua obra é marcada pelo viés marxista e o materialismo dialético de Karl Marx é visível na sua proposição de construção do conhecimento. E isto é assim aceito pelos teóricos do campo da educação. Contrariamente, entretanto, a Pedagogia Nova é aceita entre autores, de modo geral, como uma extensão ou renovação da educação liberal (predominante na escola tradicional). É tida como uma pedagogia que propõe a transformação do indivíduo sem, entretanto, transformar a sociedade de classes. Dessa forma, como conciliar Paulo Freire e Maria Montessori que, embora falem de libertação e transformação, são pautados como amplamente antagônicos?

Em relação à Pedagogia Nova, Gadotti afirma que o educador Paulo Freire “denunciou o caráter conservador dessa visão pedagógica e observou corretamente que a escola podia servir tanto para a educação como prática da dominação quanto para a educação como prática da liberdade” (p. 147, grifo do autor). Entretanto, também diz, na sequência, que o educador não via a escola nova como um mal em si, mas que representava um considerável avanço na história das ideias e das práticas pedagógicas e o aponta, inclusive, como “herdeiro de muitas conquistas da Escola Nova” (p. 147, 2003).

Apesar de muitos autores (a exemplo de Demerval Saviani e Antônio Severino) englobarem o movimento da Escola Nova como conservador e funcional à lógica burguesa da sociedade capitalista, Gadotti retrata devidamente que este movimento não pôde passar ileso às influências tanto do positivismo quanto do marxismo, reforça que ele não deve ser confundindo “apenas com um movimento liberal” (p. 148, 2003) e escreve:

O respeito pela criança apregoado pela Escola Nova equivale muitas vezes a renunciar à direção educativa, a apontar as influências com as quais a burguesia impregna todo o social, sobretudo hoje, quando ela domina nos países capitalistas, os mais poderosos meios de comunicação, de informação e formação da mentalidade popular. (GADOTTI, p. 148, 2003; grifo nosso).

Montessori, ainda que inserida na Pedagogia Nova, vai ao encontro de Paulo Freire em praticamente toda a sua obra; não fala abertamente da politização, como o educador brasileiro, mas presumivelmente isso se deve a algo muito particular: seu método foi idealizado e focado para crianças em fase pré-escolar. Um público bastante diferente daquele focado por Freire. Um público que, embora afetado pela política, não participa dela ativamente – diferentemente do público de Paulo Freire. Daí a italiana falar do *preparo do adulto* para poder prover a transformação da criança, que será o Homem Novo desse mundo novo.

Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, diz que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (p. 44, 1994). Sob a mesma ótica, a ideia de trabalho na pedagogia Montessori é prioritária, é central e mostra claramente a influência do marxismo. Para a médica e educadora italiana, o trabalho é correspondente à atividade da criança, um processo para satisfazer o impulso vital de seu desenvolvimento. Essa concepção parece ser um desdobramento mais abstrato, de como o próprio Karl Marx definia o trabalho, a saber:

(...) apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (p. 153, 1985).

Em relação ao positivismo, os teóricos tendem a classificar as pedagogias da Pedagogia Nova (de forma genérica) como adeptos das ideias liberais devido ao individualismo. Este, como proposta da Pedagogia Nova, surgiu em resposta à massificação e coletivização da Escola Tradicional. Não contrária ao sentido de coletividade, mas contrária à homogeneização e equalização dos alunos, que estabelecia um programa a ser preenchido e ignorava as particularidades, capacidades e necessidades dos alunos enquanto indivíduos. A individualidade em Montessori aparece também nessa direção: respeitar o tempo e as necessidades de cada aluno, dando a ele a possibilidade de se desenvolver de acordo com suas potencialidades e interesses próprios.

Nem por isso, entretanto, é uma educação *individualista*. Deve ser ressaltado que, nas “*Casa dei Bambini*”, as salas de aulas eram compostas por crianças de diferentes idades para estimular a cooperação e a ajuda mútua, de forma que um ensinasse o outro – e não como se fazia na escola tradicional, estandarte da ideologia burguesa, estimulando a competição entre alunos. A eliminação da competição era, aliás, pensada inclusive na utilização dos materiais pedagógicos dispostos na sala de aula: de cada objeto havia apenas um exemplar. Conforme bem descreve Samira Lancillotti em seu artigo “*Pedagogia Montessoriana: ensaio de individualização do ensino*”:

Os objetos são cuidadosamente dispostos e ordenados no recinto. Cada criança faz sua própria escolha dentre aqueles disponíveis. E, após utilizá-los, segundo seus próprios interesses e seu próprio ritmo, deve limpá-lo, arrumá-lo, recolocando-o no lugar de onde o retirou, para que possa ser utilizado por outra criança. Se uma criança quiser utilizar algum objeto que esteja em uso por um colega, terá de esperar seu turno; desse modo, exercita-se, segundo a autora, a paciência e a disciplina, e elimina-se a competição entre os pares. (p. 170, 2010).

Por fim, há uma diferença muito intensa na proposta de Montessori e na de Paulo Freire: aquela instituiu espaços educativos, já o outro fez educação popular – que, essencialmente, era suposta ser realizada fora do espaço escolar, mas não excluía tal possibilidade. São comuns as críticas de que a pedagogia montessoriana tornou-se excludente, senão impossível, dado o alto custo de sua implantação (devido aos materiais, a adaptação do ambiente, os móveis adequados) e, assim, transformou-se numa bolha elitista à qual só teria acesso aquelas pessoas que pudessem pagar por isso. Esse foi mais um dos motivos para ter sido rotulada como conservadora, já que acaba, nessa concepção, por gerar marginalizados por si só – quando, inicialmente, surgia para incorporá-los.

É preciso lembrar, entretanto, que esta foi uma condição da atual conjuntura econômica e política das sociedades. Está mais relacionada à política estabelecida pelo Estado Liberal em relação à educação do que ao método em si. A primeira *Casa dei Bambini*, aberta por Montessori em 1907, situava-se num bairro operário de Roma (San Lorenzo) e atendia cerca de 60 crianças, filhas de operários que residiam num grupo de habitações populares, para que essas não ficassem nas ruas à mercê de tudo. A própria autora afirma, porém, sem ilusões, que esta não era uma obra social, dado que era projeto de uma instituição privada (que contratou Montessori para administrá-lo) para abater gastos com manutenção, ocupando o tempo ocioso dos filhos dos empregados (p. 135-136,

1988). Não é possível ignorar, todavia, que foi isto mesmo que se tornou e que prestou, de fato, um serviço social.

Trazendo essa conceituação para a atualidade, a maioria das escolas montessorianas são sabidamente instituições privadas, entretanto, é possível encontrar exatamente o oposto: conforme pesquisa realizada em Julho de 2013 pelo *Census Project of the National Center for Montessori in the Public Sector*¹ só nos Estados Unidos da América e Porto Rico existem 443 escolas **públicas** montessorianas. Além do programa *Educateurssans Frontières*, da Associação Montessori Internacional, que trabalha junto a indivíduos, famílias e organizações para levar o método aos mais diversos lugares do mundo em situação de vulnerabilidade e marginalidade.

Por isso, é dedutível que a questão de ser ou não conservadora da sociedade capitalista ou de servir aos moldes da estrutura liberal não é intrínseco ao método Montessori apenas por ser uma vertente da Pedagogia Nova. Pode o método Montessori ser considerado elitista por que determinadas escolas são de instituições privadas? Na mesma linha, pode-se dizer, então, que o método Montessori é progressista, e mais próximo da vertente socialista do que conservadora, baseado na iniciativa *Educateurssan sFrontières* e nas 443 escolas públicas?

As respostas são óbvias, ao passo que a conclusão é uma só: não pode, o método montessoriano, ser considerado conservador e liberal apenas por não citar a sociedade de classes, como o fez Paulo Freire. As semelhanças nas ideias e proposições são imensas, inclusive sob a ótica marxista, ainda que tenham meio século de distanciamento entre um e outro pensador – incluindo as mais variadas influências externas de tempo-espaço: do meio econômico, social e político.

É relevante saber que Maria Montessori era, além de médica e pedagoga, feminista. Foi ela a representante da Itália no Congresso Internacional pelo Direito das Mulheres (1896), em Berlim. Neste Congresso, defendeu o direito das mulheres trabalhadoras, entre eles a equidade salarial para homens e mulheres pelo mesmo trabalho realizado. A italiana teria dito: “eu tenho que lutar com todas as minhas forças para ver o princípio de justiça, de igualdade para todos, acontecer também no que diz respeito ao trabalho” (cf. Moraes, p. 26, 2009). Quatro anos depois, em 1900, Montessori participa do Congresso de Londres, onde discursou em apoio ao movimento contra a exploração do trabalho infantil e ressaltou as repercussões que as condições de vida têm na sociedade.

¹ Disponível em: <<http://www.public-montessori.org/census-project>>, visitado em <09/06/2015>.

Esta é a mulher idealizadora do método: a primeira mulher a se formar em Medicina mesmo não podendo clinicar e sendo proibida de frequentar as aulas de anatomia (pelas quais pagava para estudar sozinha às escondidas depois); mãe solteira que assumiu o filho para a sociedade altamente conservadora da época; aquela que disse não ao ditador fascista Mussolini quando solicitada à replicar a ideologia fascista nas escolas (que, por isso, foram fechadas); aquela que discursou pela equidade salarial das mulheres e contra o trabalho infantil, que obviamente só atingia os filhos dos operários, à classe baixa; a primeira a aplicar uma pedagogia científica e de respeito às crianças marginalizadas: as ditas “especiais” e os filhos de operários. Como pode ser incluída tal peça no âmbito dos ideais burgueses e conservadores da sociedade capitalista? A obra, enquanto produto de seu autor, não pode distanciar tão grandemente do mesmo.

Portanto, conclui-se que, ainda que haja outras propostas da Pedagogia Nova visivelmente conservadoras e positivistas, o método de Maria Montessori está mais próximo do progressismo de Paulo Freire que do positivismo de Durkheim, por exemplo. Ambos os autores são pioneiros e se destacam pela filosofia, compartilhada na obra de ambos, da democracia e da relação mútua de respeito entre alunos e professores no ambiente de aprendizado. Subversivos e admiráveis, Montessori e Freire, voluntariamente ou não, definitivamente estão ligados por uma maravilhosa ponte filosófica em suas obras pedagógicas.

Considerações finais

Entre os 50 anos, ou mais, de distanciamento entre Paulo Freire e Montessori, procurei expor, neste artigo, as imensas semelhanças de suas filosofias aplicadas à obra pedagógica desenvolvida por ambos. Embora de lugares, épocas, origens e realidades completamente diferentes, tanto o educador brasileiro quanto a médica italiana se mostraram harmonicamente conectados nos ideais relativos à democracia, ao respeito e às inovações trazidas à pedagogia nas últimas (muitas) décadas.

Busquei, através da pesquisa bibliográfica, demonstrar um novo olhar sobre a pedagogia montessoriana, vertente da Pedagogia Nova taxada sistematicamente pelos teóricos como conservadora. Montessori foi incisiva, em sua obra, nas críticas sobre as transformações sociais e afirmava: ela deveria começar pelo homem. Também Paulo Freire partiu deste ponto, propondo a criticidade dos ensinados, a sua transformação para que então transformassem a realidade em volta.

Constatei, enfim, que embora influenciada por determinadas ideias positivistas, Montessori compartilha de ideias tão revolucionárias e progressistas quanto Paulo Freire e representou, de fato, uma grande revolução no campo pedagógico – seja para a educação especial ou para a nova caracterização científica da educação.

Finalmente, espero que esta pesquisa sirva como inspiração ou base para outros que queiram se aprofundar ainda mais no assunto e explorar as pontes inegáveis existentes entre esses dois distintos pensadores da educação.

Referências

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 29ª ed, 2006.

_____. *Pedagogia da Autonomia*.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 11ª ed., 1994.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Editora Ática, 8ª ed., 2003.

LANCILLOTTI, Samira Saad. *Pedagogia montessoriana: ensaio de individualização do ensino*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 164-173, mai.2010.

MARX, Karl. *O Capital*. V. I, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MONTESORI, Maria. *A Criança*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1987.

_____. *Educação e Paz*. São Paulo: Papirus Editora, 2004.

_____. *Pedagogia Científica: a descoberta da criança*. Trad. Aury Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1965.

TODARO, Mônica de Ávila. *As pessoas idosas na educação de jovens e adultos (EJA)*. Seminário Nacional de Pesquisa, 7, 2013, São Paulo, Universidade Nove de Julho. Disponível em <http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/seminarios_vii_2013.pdf>. Acesso em <04/06/2015>.